



ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

REICH E A CONCEPÇÃO PÓS-MODERNA NO CICLO VITAL DO SISTEMA FAMILIAR

Silney Ortlieb

Resumo

Reich foi precursor no ocidente de uma identidade funcional integrativa da complexidade humana. As abordagens pós-modernas em psicoterapia vem trabalhando com este principio de complementaridade entre distintos saberes. Este trabalho busca sintetizar os conhecimentos do ciclo vital do sistema familiar com a pratica clínica no trabalho corporal.

Palavras-chaves: Morin; Reich; Sistema Familiar

A partir das descobertas Reichianas, diferentes escolas em psicoterapia corporal tem desenvolvido seu corpo de conhecimento dentro do referencial e pressupostos de um pensamento complexo. O pensamento complexo, desenvolvido por Edgar Morin, é uma concepção que dimensiona a complexidade humana a partir de uma rede de relações e com uma infinidade potencial de influencias. A possibilidade de integrar a visão somato-psíquica do organismo individual com o paradigma sistêmico relacional é a proposta do presente trabalho, já que nenhuma teoria do fenômeno humano pode conter sua total dimensão.

O pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional no sentido da possibilidade de olharmos para a unidade do sistema orgânico biopsíquico e podermos compreender aquela unidade em sua autonomia intra-orgânica. Ao mesmo tempo busca construir uma ordem de relações com sistemas maiores que são os familiares, sociais, culturais, ecossistêmicos, etc.

As ciências pós modernas caminham para um modelo epistemológico do paradigma sistêmico complexo, já que a construção social do conhecimento tem um caráter fragmentário com tendências reducionistas e dissociativas. Na vida assim como no conhecimento não existe compartimentos separados de verdades isoladas e sim interfaces entre todos e cada modelo de pensamento, nada mais se explica a partir de um único modelo.

O paradigma sistêmico é próprio das ciências atuais por ser uma forma de pensar abrangente na busca de processos integrativos, não como uma teoria unificada única e



ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

verdadeira, mas sim a aplicabilidade teórica e/ou prática de determinado modelo que foi/é histórica e socialmente validado.

Sabemos da necessidade de termos como referencia uma concepção paradigmática no sentido do diálogo interdisciplinar entre os vários discursos, já que uma prática ou visão única que organize toda a realidade não é mais possível. Trabalhamos com o princípio da complementaridade, pois consideramos as ciências comunicantes, como uma rede de relações a serem interconectadas e não específicas de sua especialidade correspondente.

Temos esta concepção paradigmática nas diversas referencias teórica, praticas e conceituais utilizadas em psicoterapia corporal que compreendem o fenômeno humano a partir da concepção econômica- funcional - energética Reichiana.

Reich foi precursor, no ocidente, de uma concepção integrada do homem em seus aspectos somático e psíquico, individual e social, como também numa visão ecossistêmica do ser em interdependência, inter-relação e interação dinâmica com o oceano cósmico que o inclui e circunda.

Esta concepção holística do indivíduo como um todo integrado num universo coeso, interdependente e inter-relacionado, abre portas para supormos que a forma de pensar humana mais integrativa e global tem sido evolutiva, dando saltos qualitativos em termos filogenéticos.

O pensamento linear de causa-efeito tem dado lugar para uma visão circular relacional que surge contemporaneamente em diferentes campos de conhecimento.

Integrando os paradigmas energético e sistêmico

A proposta do presente trabalho tem por finalidade introduzir a abordagem sistêmica com referencia às etapas do ciclo vital familiar como auxilio da compreensão e de uma organização diagnóstica mais abrangente e complexa. O ponto de interconexão do presente trabalho é o referencial energético reichiano enquanto uma perspectiva que é funcional e sistêmica.

O Paradigma energético reichiano é sistêmico enquanto um princípio que interliga todos os fenômenos, pressupondo que tudo está em relação intrínseca através de uma



ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Dinâmica energética que tem fluxo, fluidez e movimento na origem da vida, do conhecimento e da consciência.

O Referencial Energético é o princípio básico de organização dos sistemas complexos como unidade subjacente a todo fenômeno. A interdependência e o inter-relacionamento de todos os fenômenos do Universo físico, biológico, humano e social nos possibilitam encontrar pontos funcionais de articulação com a teoria sistêmica. O pensamento funcional Reichiano pressupõe um Princípio de Funcionamento Comum na busca de uma Totalidade inter-relacionada, aonde partes do sistema até então dissociadas podem ser integradas e interligadas.

O paradigma aqui faz uma passagem do monotético individual intra-psíquico que tende a ser absoluto na busca das causas-efeito e conceitos biológicos de poder, instinto, determinismo psíquico e/ou familiar, etc. para o dialético relacional inter psíquico aonde nada é absoluto e sim interação dinâmica relacional, todo movimento dialeticamente gera tração e reação no movimento oposto. Os conceitos de relatividade e indeterminação da física, regulação homeostática da biologia assim como os conceitos das ciências naturais cada vez mais caminham para o dialético relacional.

O jogo de forças entre o indivíduo e sua família é o seu legado familiar que funciona como um livro caixa contabilizando as obrigações e as lealdades invisíveis delegadas transgeracionalmente. Equilibrando os méritos e expectativas do sistema para com o indivíduo e deste para com aquele, não podendo mais ser concebido com conceitos monotéticos focado apenas em sua entidade individual.

Muitos modelos terapêuticos têm trabalhado com uma visão do Aparelho Psíquico monotético a partir de instintos biológicos ou pulsões difusas, mas sua base é energética e tem função de sobrevivência no ambiente sistêmico. É um Conjunto de mecanismos interacionais organismo X meio ambiente, da complexidade humana em seu aspecto onda/subjetividade. Tem a finalidade específica de organização da experiência de personificação da alma ou estruturação da consciência, concebe por sua vez um fluido universal que anima todos os seres, podendo ser chamado de éter, energia, arquétipos, etc. Circunscrito a uma dada realidade, busca uma homeostase que lhe dê segurança, incluindo o novo no referencial antigo na busca de uma estabilidade dinâmica, pois é evolutiva. Utiliza-se da lógica para circunscrever novas experiências na estabilidade



ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

organísmica. O pensamento simplificado, lógico e racionalizado tem uma base biológica circunscrita ao aparelho psíquico que tem função homeostática em prol da sobrevivência.

A busca do equilíbrio do sistema abre as possibilidades sociais e culturais, mas o mesmo princípio paralisa a energia e nos adocece. No processo de individuação nascemos com um patrimônio energético numa matriz familiar que foi moldada pelas tradições geracionais que são padrões de relacionamentos passados de geração á geração.

Trataremos aqui do ciclo vital do sistema familiar que é um Sistema aberto no sentido de sua permeabilidade com os outros sistemas, auto-organizador e auto-regulavel na função de manutenção de sua estrutura, mesmo que para isso gere sintomas ou eleja um paciente referido como bode expiatório das características do sistema, mantendo seu Equilíbrio dinâmico que é a busca constante de certa homeostase.

A família enquanto definição é uma unidade psicossocial básica aonde seus membros interagem e se relacionam desde o nascimento até a morte, criando uma unidade mantenedora das funções familiares primárias. As funções familiares são fundamentais para a satisfação das necessidades existenciais que precisam ser mantidas para que a família possa progredir, ao proporcionar espaço/abrigo, alimentação/suprimento, dinheiro e saúde.

Uma unidade familiar interativa e funcional se mantém através da operacionalidade das funções familiares que são básicas na manutenção de sua estrutura. Exigindo participação de todos os membros na execução destas funções com suas formas específicas de manutenção e estruturação, estabelecem as características próprias daquela unidade familiar.

O referencial sistêmico pressupõe o ciclo de vida familiar como o contexto primário do desenvolvimento humano, onde o ciclo de vida individual ontologicamente está contido. A família como matriz da identidade é a unidade emocional operativa desde o berço até o túmulo, é o campo organizacional aonde o processo formativo se desenvolve. Este campo organizacional precisa estar em ressonância com as necessidades de cada individuo em sua etapa no ciclo vital para que as relações possam expressar sua essência.

A estrutura familiar é um conjunto de invisíveis exigências funcionais que determina a interação de seus membros, opera através de padrões transacionais que são as negociações cotidianas implícitas e explícitas entre seus membros.



ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

O desenvolvimento familiar é uma seqüência ordenada de mudanças que passam por uma série de estágios previsíveis em pontos específicos que delimitam estes estágios. Em cada estágio a realização das tarefas familiares com suas características do período anterior é levada para o estágio subsequente. Se uma resolução das tarefas familiares fica incompleta, impedida ou perturbada, estas dificuldades são delegadas para o estágio seguinte, revelando problemas que se desenvolveram no gerenciamento destas tarefas e funções.

O ciclo vital familiar, que ocorre ao longo da linha do tempo de uma família envolvendo pelo menos três gerações, percorre pontos de transição de um estágio para o outro. Neste processo de desenvolvimento vital familiar os estresses gerados interferem na homeostase familiar impondo uma reorganização em seus relacionamentos. Esta reorganização que sempre busca uma nova homeostase pode gerar patologias ou apenas uma nova reorganização homeostática numa outra etapa do ciclo vital. Os sintomas são gerados se ocorre uma interrupção ou deslocamento no desenvolvimento do ciclo de vida familiar ao cristalizar funções ou inverter papéis. Os sintomas e disfunções estão em relação direta ao funcionamento normal na linha do tempo, o processo terapêutico busca restabelecer o momento do desenvolvimento familiar que foi interrompido.

O paradigma sistêmico tem sua origem na cibernética e na teoria da comunicação que foca sua práxis na dinâmica das redes de relações. Não se colocando apenas como um novo método de tratamento e sim como uma nova ótica paradigmática, aonde o individuo não existe sem o meio que o define, pressupondo que se o individuo se modifica o sistema como um todo no qual ele está inserido se modifica.

Os conceitos são dinâmicos, para podermos compreender melhor os sistemas vivos devemos considerar o espectro de um extremo ao outro, pois conceitos como consciente/inconsciente, psíquico/somático, real/irreal ficam mais fluidos que estáticos. Tudo esta em relação com sua contrapartida sistêmica, aonde o mártir pode ser um manipulador, a vítima pode ser muito poderosa, etc.

A rede de relações é o foco do tratamento, a atenção do terapeuta se concentra menos na lógica dos conteúdos das comunicações e mais nas seqüências padronizadas das transações familiares em suas comunicações analógicas. O modelo é circular sistêmico em contrapartida ao linear individualizado. Num circuito de interação, o



ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

comportamento de um membro do sistema influi necessariamente em todos os demais e que por sua vez é influenciado por estes.

Nas abordagens em Psicoterapias Corporais assim como na sistêmica a função terapêutica inclui o terapeuta ressonante enquanto elemento vivo e não neutro ao se relacionar com o paciente e fazer parte do sistema, podendo ser utilizados jogos terapêuticos, tarefas estruturantes ou paradoxais, esculturas, dramatizações assim como qualquer outro recurso corporal relacional. Uma hipótese diagnóstica que possa compreender o que está a ocorrer naquele sistema e o conseqüente projeto terapêutico com um foco sistêmico possibilita desenvolver princípios terapêuticos a partir do arsenal instrumental do terapeuta.

Individualidade e solidariedade, autonomia e interdependência se mantêm num nível de complexidade que podemos chamar de individuação relacional aonde uma real autonomia só é possível com a correspondente interdependência relacional.

A individuação relacional nos permite experienciar a realidade de forma autônoma e relacional ao mesmo tempo nos diversos contextos sistêmicos.

Traços característicos do sistema influenciam diretamente a própria expressão dos indivíduos deste sistema, aonde o sistema de referências familiares ditam as expressões individualizadas possíveis e esperadas, que seria uma estruturação caracterial relacional, como um padrão cristalizado de funções que não acompanham as mudanças no ciclo vital.

A família compreende todo sistema emocional de pelo menos três gerações, pois os relacionamentos são insubstituíveis. Em contrapartida à visão de uma prática clínica monotética, somos uma ponte geracional dos que vieram antes com os que vêm depois. A geração que antecede estabelece um impacto modelador de padrões relacionais que são circulares ao retornarem nas mudanças de status, pois um dia os filhos serão pais, ocupando distintos lugares ao longo da espiral geracional do ciclo familiar.

Os membros de uma família têm suas conseqüentes responsabilidades enquanto uma função do sistema, o que não é negociável, pois um pai que negligencia sua função paterna não deixa de ser pai, embora permaneça ausente. A única escolha de pertencimento que podemos fazer é no casamento, pois todos os outros relacionamentos familiares se são tratados como opcionais, são feitos em detrimento de seu senso de identidade e da negação de seu contexto emocional e social.



ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

O ciclo vital familiar

Podemos escolher qualquer ponto de começo se quisermos olhar para o ciclo vital familiar. O modelo aqui proposto é um modelo de estágios, focalizando a progressão que começa com a formação de um casal independente da família de origem dos parceiros, e termina com a morte destes dois indivíduos. Como o nosso desenvolvimento caminha para a diferenciação da família de origem com a possibilidade de individuação criativa e autonomia complexa, escolhemos começar a olhar o ciclo vital familiar a partir da emancipação dos jovens.

Jovens adultos solteiros

O ponto de emancipação do jovem adulto solteiro é quando ele se separa de sua família de origem sem romper relações ou fugir reativamente para um refúgio emocional substituto. Este momento da vida é um marco, pois é o momento de estabelecer objetivos próprios com relação a vida pessoal e profissional se tornando um Eu diferenciado.

Quanto maior a diferenciação do programa emocional de sua família de origem, menos os estressores verticais, que são os geracionais, os acompanharão na constituição de suas novas famílias.

Neste momento o status de relacionamento com a família de origem deve mudar, pois todos agora são adultos que precisam de relacionamentos menos hierárquicos e de mais trocas pessoais.

Os problemas desta fase se dão pela resistência, impedimento ou adiamento da mudança deste status. A falta de reconhecimento do jovem adulto enquanto adulto pelos pais ou por si mesmo, o encorajamento da dependência pelos pais, a dependência dos filhos fixada, os filhos se rebelarem ou se afastarem são sinais sintomatológicos.

Segundo Bowen os rompimentos de relação não resolvem relacionamentos emocionais, pois sendo reativos não os resolvem e sim mantém uma vinculação emocional ao programa familiar da família de origem e não se tornando independentes dele. O status adulto-adulto requer uma forma de relacionamento mutuamente respeitoso e pessoal. Podendo apreciar os pais como são sem querer transforma-los no que não

ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

são, nem culpa-los pelo que não puderam ser, assim como também não se submeter aos desejos paternos às próprias custas.

As crises de emancipação evidenciam ninhos acolhedores que geram dependência, ninhos rejeita dores com pais que expulsam os filhos e saídas fatais com emancipações desastrosas.

O foco do trabalho terapêutico é o reconhecimento deste novo status, somente quando as gerações conseguem modificar suas relações de status e reconectar-se de uma nova maneira mais adulta é que a família consegue seu desenvolvimento emocional.

O casal

Com relação aos tradicionais casamentos anteriores, com papéis e expectativas pré estabelecidas nas estruturas culturais e familiares, os casamentos atuais sofrem uma maior carga no sentido de definirem seu próprio relacionamento, assim como uma maior liberdade na forma de consumá-los de forma diversas de suas tradições familiares. É uma mudança que se deve ao novo papel feminino, ao casamento de indivíduos de culturas distintas, a distancia física entre os membros da família de origem, gerando uma negociação de papéis e funções que não estavam no script original de cada um.

O casamento representa a modificação de dois sistemas inteiros numa sobreposição que desenvolve um terceiro subsistema.

Os casais podem ser complementares, simétricos ou antagônicos, determinando formas específicas de se trabalhar com diferentes casais.

A tarefa central do casal que se une podendo ou não se tornar uma família é facilitar o movimento psicológico que vai da independência individual à interdependência diádica do casal.

O foco do trabalho terapêutico é o de ajudar o casal na estruturação das fronteiras deficientes que precisam caminhar para uma nova definição de si mesmos enquanto casal. A disfunção conjugal se dá no fracasso em renegociar o status familiar.



ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Famílias com filhos pequenos

O que caracteriza uma família nesta etapa do ciclo vital é o avanço de uma geração ao se tornarem cuidadores da geração mais jovem, assumindo responsabilidades desta etapa, a capacidade de delimitar fronteiras com relação à geração anterior e posterior, autoridade e paciência para a aceitação da expressão emocional dos filhos para que eles possam se desenvolver.

A tarefa básica desta etapa do desenvolvimento familiar é a possibilidade de progredir de uma interdependência diádica do casal para a incorporação de uma dependência triádica.

Os problemas nesta etapa surgem devido à dificuldade de aceitar fronteiras geracionais entre pais e filhos.

É importante que o casal obtenha uma visão de si mesmo como parte de um novo nível geracional com responsabilidades e tarefas específicas em relação ao próximo nível da família, para que os sintomas do casal não gerem problemas nos filhos.

Os problemas que surgem com as crianças nesta etapa mostram características do sistema se constituindo estruturalmente em sua dinâmica própria e específica. As crianças que não são devidamente socializadas para estarem no mundo são crianças predestinadas ao fracasso, as crianças muito angustiadas vêm de um sistema perfeccionista e com muita idealização, famílias burladoras do poder externo ao sistema familiar tendem a desenvolver sociopatas, crianças deslocadas de seu lugar geracional com fronteiras difusas são crianças parentais que ao assumirem um papel que não lhes pertence tendem a ser crianças salvadoras dos pais, as crianças desatendidas tendem a ser clandestinas na tentativa de suprirem necessidades, as crianças que estabelecem uma luta desenfreada contra a autoridade paternas tendem a rebeldia.

Esta etapa do ciclo de vida familiar tem o mais elevado índice de divórcio.

O enfoque no conflito conjugal ou progenitor-criança, não pode negligenciar uma investigação sobre problemas orgânicos, neurológicos, comportamentais e da aprendizagem.

Os avós deveriam passar para uma posição secundária, aonde a autoridade paternal é a principal função, podendo usufruir da intimidade sem as responsabilidades que a paternidade requer.

ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Sistema familiar na adolescência – transformações necessárias

Na adolescência as fronteiras vão se tornando mais permeáveis pois não se impõem uma autoridade completa aos jovens que progressivamente vão se emancipando e com isso trazem novos valores e ideais para a dinâmica familiar. As famílias que se encontram muito fechadas, ou estão fixadas numa visão anterior e infantil de seus filhos ou se encontram ameaçadas pelas mudanças que começam a ocorrer, tendem a gerar sintomas disfuncionais.

Os pais que insistem em controlar todos os aspectos da vida adolescente de seus filhos [o que é impossível], mantendo fronteiras muito rígidas, tendem a se frustrarem numa impotência que pode se tornar reativa ou promovem uma retração dos envolvimento necessários para o desenvolvimento maturacional de seu filho adolescente.

Fronteiras flexíveis possibilitam a dependência quando necessária e o afastamento experiencial com graus crescentes de independência, neste novo status de mútua relação transformadora dos membros familiares.

Os adolescentes começam a estabelecer seus próprios relacionamentos independentes, que precisam de constantes ajustes que estimulem estes novos padrões. Os adolescentes podem ser clandestinos, rebeldes, predestinados ao fracasso, imperfeitos, salvadores ou anti-sociais agressivos.

Na terapia é necessário ajudar estas famílias a modificarem apropriadamente suas visões de si mesmas, possibilitando a crescente independência da nova geração, com fronteiras e estrutura que favoreça o continuado desenvolvimento familiar.

No relacionamento conjugal se apresenta a “ crise do meio da vida”, com possibilidades de renegociação do casamento ou divórcio.

Se o foco da questão familiar se centra demasiadamente na queixa relacional, adolescentes – pais, pode estar mascarando um caso amoroso, um divórcio secretamente considerado ou impedir que os problemas conjugais venham à tona. Não negando a necessidade de cuidadosa avaliação, intervenção e manejo nos sintomas adolescentes tais como: abuso de álcool ou drogas, gravidez precoce, delinquência ou comportamentos psicóticos.

ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Famílias no meio da vida – Lançando os filhos e seguindo em frente

Esta fase do ciclo de vida familiar é a mais nova, pois até uma geração anterior a criação dos filhos ocupava toda vida adulta até a velhice. É também a mais longa com o aumento da expectativa de vida crescente, aonde os pais se aposentam após longo tempo já tendo lançado os filhos tendo a necessidade de encontrar outras atividades que de sentido a vida.

A tarefa familiar é facilitar a progressão da dependência triádica ao reconhecimento e incorporação da independência parcial e ao começo da separação em relação á família de origem.

Nesta transição há a tendência a se agarrarem aos filhos evitando sentimentos de vazio e depressão, principalmente nas mães que dedicaram suas vidas exclusivamente aos filhos.

Nesta fase ocorre o maior número de saídas e entradas de membros na família. Começa com o lançamento dos filhos adultos e prossegue com a entrada de seus cônjuges e filhos.

É um período particularmente difícil com doenças, mortes e dificuldades em se encontrar novos significados e sentidos na vida.

Pode ser também um momento de liberação com uma estabilidade maior que a anterior possibilitando viagens, Hobbies, novos empreendimentos...

Nesta fase uma nova estruturação do relacionamento conjugal se faz necessária pois as responsabilidades paternas diminuem.

Se não houve solidificação do casamento até então e não é possível um novo investimento, a família ou se agarra ao caçula ou parte para o divórcio.

Famílias no estágio tardio da vida

Esta é uma etapa com dificuldades socialmente impostas ao idoso que em nossa sociedade não tem um lugar de reconhecimento pela sua experiência de vida, sendo visto apenas como velho que tende a ser trabalhoso para suas famílias.

Se não houvesse tanto estímulo à dependência do idoso com uma visão preconcebida de sua incapacidade, assim como não ignora-los como membros funcionais



ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

na dinâmica familiar, há indícios de que eles não tenderiam tanto a dependência e a decrepitude.

Os ajustamentos com relação à aposentadoria, o retorno à convivência diária com o cônjuge, insegurança e dependência financeira, perda de amigos e parentes, são dificuldades específicas desta etapa. A perda do cônjuge é o ajustamento mais difícil, pois requer reorganização da vida sozinho após muitos anos como casal, tendo menos relacionamentos que ajudem a substituir a perda.

A condição de avô pode renovar o interesse pela vida com a oportunidade de relacionamento íntimo e significativo sem responsabilidades paternas.

As dificuldades de mudança de status nesta etapa se dão pela recusa em abrir mão dos poderes adquiridos ao longo dos relacionamentos familiares ou desistindo e se tornando totalmente dependentes das gerações seguintes.

Com a desvalorização cultural da velhice, o modelo e experiência dos idosos tende a ser descartada, a depressão é o comum sintoma do idoso.

Conclusão

As abordagens em psicoterapia corporal constroem seu conhecimento referendado numa mudança de paradigma aclamada pelas ciências pós modernas que não se de tem com a complexidade dos fenômenos e sim se amplia constantemente na inclusão de novos modelos teóricos.

Do ponto de vista das complementares intervenções terapêuticas utilizadas por diferentes abordagens em psicoterapia corporal no exercício de sua práxis, foi ressaltada a importância do paradigma sistêmico/complexo na elaboração diagnóstica que considere o ciclo vital familiar.

As relações das intervenções psico-corporais com as concepções sistêmicas familiares se dão a partir do paradigma energético Reichiano que é ecológico, funcional, holístico e sistêmico.

Ampliando nosso olhar com a concepção sistêmica, não só enriquecemos consideravelmente a gama de possibilidades de ação terapêutica, como também retiramos o indivíduo de um lugar autônomo e passivo, não consciente de sua função familiar nem participante de seu mundo referendado em seu legado familiar. Remetendo-o



ORTLIEB, Silney. Reich e a concepção pós moderna no ciclo vital do sistema familiar. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

a um novo lugar, integrante e integrado, onde paciente e terapeuta, individuo e grupo familiar co-constroem a história pessoal e familiar, dentro de um novo contexto, referendado em seu ciclo vital, com um novo repertório, rico de várias combinações e “saídas” múltiplas.

Referências

Boadella, D. **Correntes da vida**. São Paulo: Summus, 1992

Boadella, D. **Nos caminhos de Reich**. São Paulo: Summus, 1985

Reich, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

Reich **A função do Orgasmo**. São Paulo : Editora Editora Brasiliense, 1994

Carter,B; McGoldrick, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1995.

S. Minuchin. **Famílias - Funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1988

I. Nagy e G. M. Spark. **Lealdades invisíveis**. Amorrortu: Ed. B. Aires, 1983

M. Andolfi e C. Ângelo. **Tempo e mito em psicoterapia familiar**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1988.

M. Groisman - **Alem do paraíso - Perdas e transformações na Família**. R.J.: Núcleo Pesquisa, 2003.

Silney de Azevedo Ortlieb/RJ - Psicólogo (C.R.P. 09171-05), Psicoterapeuta Corporal com Formação em Biossintese – I.B.B., Vegetoterapia e Orgonomia – I.O.O.R., Psicodrama – Studio de Psicodrama, Formação em terapia de casal e Família – Núcleo Pesquisa. Supervisor do Núcleo pesquisa da criança e do adolescente. Membro titular da associação de terapeutas de Família R.J. Fundador e Diretor do Synthesis – Centro de Psicoterapia Somática.

E-mail: silney.ortlieb@terra.com.br